

Para modelo de un dios el pintor lo envió a pedir: –  
¡Para eso no! ¡para ir, Patria, a servirte los dos!

Bien estará en la pintura el hijo que amo y bendigo: –  
¡Mejor en la ceja oscura, cara a cara al enemigo!

Es rubio, es fuerte, es garzón de nobleza natural:  
¡Hijo, por la luz nata!  
¡Hijo, por el pabellón!

Vamos, pues, hijo viril: vamos los dos: si yo muero, me besas: si tú... ¡prefiero verte muerto a verte vil!

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XXXII;  
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Ó dona do meu ser!... Ó Eva pura...  
Perdida entre a maçã e a serpente,  
de ti nasci e só por ti fui gente,  
sopro de Deus lançado à desventura.

Donde provim?... Ó mãe!... ando à procura  
desse lugar tão perto e tão ausente,  
perdido no gemido de quem sente  
poder viver após a sepultura.

Que é de mim?!... O que de mim sobrou  
no Jardim de que foste escorraçada?!  
Diz-me mulher: – O que de mim ficou  
nessa hora nefasta e desgraçada  
que Deus p'la primeira vez chorou  
e na dor, te sentiste abandonada?!...!

Humberto Soares Santa, Paz;  
Cotovia, 2004-11-06

Deixa-me ser a tua amiga, Amor;  
a tua amiga só, já que não queres  
que eu pelo teu amor seja a melhor,  
a mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor  
o que me importa a mim?! O que quiseres  
é sempre um sonho bom! Seja o que for,  
bendito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho...  
como se os dois nascêssemos irmãos,  
aves cantando ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem!... Que fantasia louca  
guarda assim, fechados, nestas mãos,  
os beijos que sonhei pra minha boca!...

Florbelá Espanca, Amiga; em  
Edições Milênio 0107, de Mário Marinho (1952-2004)

Vi a Estrella e hice voto, enamorado,  
de amar eternamente a la doncella,  
luego a Nice encontré y la vi tan bella  
que mereció igualmente mi cuidado.

¿A cual escogeré si en este estado  
no puedo distinguir Nice de Estrella?  
Si Nice viene, muérome por ella;  
quedo, si Estrella viene, alucinado.

Mas ¡ah! que aquella me desprecia amante,  
pues sabe que estoy preso en otros brazos,  
y esta se huye de mi por inconstante...

Ven Cupido a saltarme de estos brazos,  
y haz de las dos un único semblante  
o divide mi pecho en dos pedazos. SF0406

Alvarenga Peixoto, Estrella y Nice; de Sonetos Brasileños  
traducidos por Alvaro de Las Casas – ABL 1938

A mulher é imponderável...  
Instável... Imprevisível...  
Indócil... Imperscrutável...  
Não esqueça: imprescindível!

Madalena Léa, em  
Koisalinda 0502

A vida é bela a cantar!  
é uma questão de momento,  
mas o aparente alegrar  
pode não estar cá por dentro...

Manoel F. Menendez

Não há no mundo distância  
que faça um dia esquecer  
a terra da nossa infância  
o sol que nos viu nascer!

Maria Theresza Cavalheiro, em  
Koisalinda 0502

Na solidão transbordante,  
o mar, que rugiu e se alteia,  
se esquece de ser gigante  
e rola em prantos na areia...

Marina Bruna, em  
Fanal 0502

Cai a chuva... o rio inunda...  
o vento torce o arvoredor...  
Mas, se a raiz é profunda,  
nenhuma planta tem medo!

Roberto Resende Vilela, em  
Trovalegre 0502

Rei e peão têm a sina  
bem diferente, não acha?  
Mas, quando o jogo termina,  
se juntam na mesma caixa.

Ziver Ritta, em  
Fanal 0502

Abaxem os Ramos.  
Pede o padre, aos fiéis  
na igreja apinhada...

Douglas Eden Britto

O velho espantalho  
cai da cruzeta de pau  
o vento assobia.

Estela Bonini

Manhã silenciosa:  
o trem passa sem apitar –  
Sexta-feira Santa!

H. Masuda Goga

Nas praças-albergue  
indícios da visita  
do coelho da Páscoa.

José Neres dos Reis 15.02.2005

Ao soar os sinos  
fiéis com ramos nas mãos  
o ritual inicia...

Sonia Mori

Pequeno oratório  
o frescor do crisântemo  
a foto amarela.

Teruko Oda

Ao amanhecer... Páscoa!  
Crianças pulam como coelho  
encontrando ovos.

Tomoko Narita, Sabiá

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

| TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI)S OUTONO  |   |  |
|--|---|--|
| O sol despotando,<br>mas as folhas do choro<br>protegem o orvalho.<br>Alba Christina           | Súbito esvoaça<br>neblina espessa encobrendo<br>arbustos da praça.<br>Fernando Lopes Soares         | Pequena figueira<br>exibe os primeiros frutos!<br>– Sanhaços rondando...<br>Maria Madalena Ferreira  |
| Louro tagarela<br>Repete... doces palavras...<br>Juras de um amor!<br>Amália Marie Gerda       | Passarinho azul<br>fura o mamão amarelo...<br>Sanhaço com fome.<br>Fernando Vasconcelos             | A perder de vista estende<br>-se um manto branco –<br>campo de algodão.<br>Maria Reginato Labruciano |
| Domingo de Páscoa.<br>Destroçam restos de judas<br>do dia anterior.<br>Analice Feitoza de Lima | Nosso cardeal,<br>humildemente e com fé,<br>faz o lava-pés.<br>Flávio Ferreira da Silva             | Reza um lavrador...<br>Salvam sua safra atrasada<br>as águas de março...<br>Mariemy Tokumu           |
| Ônibus lotado.<br>Na faixa lê-se: excursão.<br>Dia do Turismo.<br>Angélica Vilela Santos       | Estrela cadente,<br>mal apareceu, sumiu.<br>Outra, outra mais...<br>Haroldo R. Castro               | Mesmo distraídos,<br>o ofato percebendo.<br>Um caqui caipira.<br>Nilton Manoel Teixeira              |
| Entre o céu e a terra<br>os poncs amarelados...<br>Suquinhos das aves.<br>Anita Thomaz Folmann | Dia do Turismo<br>as agências comemoram<br>fregueses na fila.<br>Hélcio Durso                       | Caquis já recendem<br>passarinhos atraídos<br>folhas pairam no ar.<br>Olga Amorim                    |
| É Semana Santa.<br>Ritual religioso,<br>lava-pés na igreja.<br>Cecília Amaral Cardoso          | Sanhaços, aos pares,<br>devoram as frutas frescas,<br>sob os meus olhares.<br>Hermoclydes S. Franco | Rosto colorido<br>de chocolate docinho.<br>Domingo de Páscoa.<br>Regina Célia de Andrade             |
| Fagulhas acesas cortam<br>o negrume dos céus.<br>Estrelas cadentes.<br>Cecy Tupinambá Ulhôa    | Passarinho preto<br>ariscoso pousar no chão.<br>Graúna faminta.<br>João Batista Serra               | Centro da cidade.<br>Serenito da madrugada.<br>São Paulo sereno.<br>Renata Paccola                   |
| Num cesto de vime<br>caquis colhidos na horta<br>e sem agrotóxicos...<br>Darly O. Barros       | Triste olhar pro céu.<br>Velhinha espera, à janela,<br>as águas de março.<br>José Reis 15.02.2005   | Sobre o altar<br>uma bacica com água<br>e os pés descalços.<br>Sérgio Francisco Pichorim             |
| Brilha a madrugada<br>sob um manto de magia.<br>Cai, sereno, cai.<br>Denise Cataldi            | Após intervalo,<br>outra vez o mesmo som.<br>Canto da graúna.<br>Manoel F. Menendez                 | Vira o pescoço<br>periquito dá um pito.<br>Começa o alvorço.<br>Sérgio Serra                         |
| Domingo de Páscoa:<br>ovinho de chocolate<br>o menino encontra!<br>Djalda Winter Santos        | Dia do Lava-pés<br>humilde o bispo lavando<br>os pés dos meninos.<br>Maria App. Picanço Goulart     | São águas de março<br>Desarrumando a bagagem<br>turista frustrado.<br>Yedda R. M. Patrício           |



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.03.05, quigos à escolha:  
Cidra, Esquilo, Luar.

Remeter até 30.04.05, quigos à escolha:  
Carrapatinho, Cipó-escada, Dia do Colono.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só praticando. Não há outra opção: comece já!

No Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. Vamos lá, coragem!

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP ou mfinemendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL ° – TREVOS PERSONAGEM \*

- ° Jardim, sorriu... Dia da Poesia, °
- ° Um crisântemo floriu. ° nesse mundo tão violento, °
- ° Flores enciumadas... é só fantasia.
- Ailson Cardoso de Oliveira Albertina C. G. dos Santos
- Saudando a manhã \* Domingo de Páscoa. °
- ° crista de galo desfila ° Os sinos tocam festivos... °
- no terreiro ao sol. ° A vida renasce! °
- Alba Christina Amália Marie Gerda



HAICUS

EM FOLHA

|   |  |  |
|---|--|--|
| Barco solitário<br>desaparece entre a bruma.<br>Vem descendo a noite.<br>Walma da Costa Barros                | Atrairdo os pássaros,<br>suculentas tangerinas<br>balançam nos galhos.<br>Amália Marie Gerda | Tarde envolta em bruma.<br>Arvores esfumaçadas<br>na paisagem cinza.<br>Angélica Vilela Santos |
| No Dia do Sogro,<br>bolo cheio de velinhas<br>no asilo de velhos...<br>Darly O. Barros                        | Perfume de bolo,<br>rosas vermelhas na sala,<br>no Dia do Sogro!<br>Amália Marie Gerda       | De repente, o sol<br>desvenda as casas e o rio<br>cobertos de bruma.<br>Amália Marie Gerda     |
| Na manhã de inverno<br>o sol levantando tarde<br>dá lugar à bruma.<br>Alba Christina                          | As luzes acesas...<br>bruma engole o entardecer<br>noite antecipada!<br>Anita Thomaz Folmann | Guri esforçado<br>devorando tangerinas.<br>Boca lambuzada.<br>Flávio Ferreira da Silva         |
| Fim de feira<br>tangerina esmagada<br>sobre o asfalto.<br>Larissa Lacerda Menendez                            | Guri lambuzado<br>de suco da tangerina.<br>Perfume no ar.<br>Manoel F. Menendez              | Envolta na bruma,<br>a jaganda até parece<br>gaiovita pousada...<br>Djalda Winter Santos       |
| Descanso na roça<br>sumo de mexerica<br>escorre da boca.<br>Larissa Lacerda Menendez                          | Em cima da mesa,<br>um cesto de tangerinas.<br>Natureza morta.<br>Renata Paccola             | Farol fechado,<br>garoto malabarista.<br>Tangerina no ar.<br>Cassio Cax Prados                 |
| Caminhão na curva!...<br>Tangerinas rolam... rolam...<br>Banquete aos famintos.<br>Leonilda Hilgenberg Justus | Nora traz filhinho,<br>para alegria do avô.<br>Dia do Sogro.<br>Anita Thomaz Folmann         | No pomar vizinho<br>tangerinas apodrecem<br>sob o olhar do dono.<br>Darly O. Barros            |
| No prato, na mesa,<br>restam sementes e cascas...<br>Doces tangerinas.<br>Anita Thomaz Folmann                | A perder de vista<br>flutua sobre o relvado<br>o edredom de bruma...<br>Darly O. Barros      | O avô das crianças<br>em família comemora<br>o Dia do Sogro.<br>Djalda Winter Santos           |
| Pés de tangerinas<br>abandonados no mató,<br>alegria de pássaros.<br>Maria App. Picanço Goulart               | No Dia do Sogro,<br>a família reunida<br>estoura champagne.<br>Renata Paccola                | No Dia do Sogro,<br>os filhos, noras e genros<br>festejam unidos.<br>Angélica Vilela Santos    |
| Invade a serra<br>a bruma que vem do mar.<br>Engole o trem.<br>Amauri do Amaral Campos                        | Da banca da feira<br>tangerina cai rolando.<br>Desce rua abaixo.<br>Analice Feitoza de Lima  | Apitos a espaços,<br>silhuetas de navios.<br>Os sinos na bruma.<br>Manoel F. Menendez          |
| Na mesa os restos<br>do banquete em família<br>no Dia do Sogro.<br>Amauri do Amaral Campos                    | Uma tangerina<br>sumarenta e perfumada<br>quer cair do galho...<br>Renata Paccola            | Bolotas amarelas.<br>As tangerinas maduras<br>delicias dos pássaros.<br>Cecy Tupinambá Ulhôa   |

Domingo de Páscoa. °  
Com a família à mesa  
Cristo ressurrecto.

Amauri Amaral Campos

Olhos esticados. °  
Tamarindo apetitoso  
dando água na boca.

Analice Feitoza de Lima

Em meio ao pomar, °  
sanhaço verde no galho.  
Frutas saborosas.

Angélica Vilela Santos

O botão de rosa °  
sorveu gotas de orvalho...  
linda flor aberta.

Anita Thomaz Folmann

Brincadeira de macho °  
sobre os outros dias do ano.  
Dia da Mulher.

Carlos Roque B. de Jesus

Dia do Turismo. °  
Todos com ares de festa,  
aproveitam as férias.

Cecy Tupinambá Ulhôa

No céu, um clarão: °  
pano de fundo do show  
que a lua vai dar...

Darly O. Barros

Ao fazer turismo °  
deixe apenas as pegadas,  
leve só as fotos.

Denise Cataldi

Estrangeiros louvam °  
as belezas do Brasil.  
Dia do Turismo.

Djalda Winter Santos

Há, nos campos verdes °  
no Dia dos Anímaís  
rebanhos de luz.

Elen de Novais Felix

Bicharada sai °  
tranquila, pois hoje é o Dia  
dos Anímaís, uai!

Fernando Lopes Soares

Chove inspiração °  
e brisa carrega versos.  
Dia da Poesia.

Fernando Vasconcelos

Lembro muito bem °  
do pé de laranja-lima.  
Saudades do sitio.

Flávio Ferreira da Silva

Meu pé de abacate °  
deu lugar à construção.  
Progresso?! Decepção.

Franciela Silva

As águas de março °  
lembram bela Elis Regina.  
Nossa Pimentinha.

Haroldo R. Castro

Orvalho caindo °  
embranquecendo telhados.  
Realmente lindo!...

Hélcio Durso

Dia da Poesia: °  
ganhar da musa o bom dia.  
Melhor, impossível!

Hermoclydes S. Franco

Domingo de Páscoa. °  
Os ovos de chocolate  
motivam a festa.

Humberto Del Maestro

Periquito mau, °  
pedi o pé não me deu;  
deu-me um beliscão!

João Batista Serra

Dia do Turismo °  
muita festa na cidade.  
Meu adeus tristeza.

Jorge Picanço Siqueira

Dia da Poesia. °  
Passo a tarde relembro  
os fatos da vida...

M. U. Moncam

Sanhaços azuis, °  
lindo bando colorido,  
caboclo sorrindo...

Maria App. Picanço Goulart

Um olhar apenas... °  
Arapuca do destino...  
– Nasce uma paixão!...

Maria Madalena Ferreira

Para o apaixonado, °  
com luar... toda noite é...  
Dia da Poesia.

Maria Reginato Labruciano

Adoro a Páscoa! °  
Não faço regime, mas...  
nascem-me espinhas!

Mariemy Tokumu

Comemoração °  
no Dia da Mulher  
haverá carinho...

Mariza Estevão

Cabelos grisalhos, °  
mais salpicos pelo orvalho.  
Mistura de prata.

Nadyr Leme Ganzert

Quanta água em março °  
enchentes no sul... angústia...  
Seca árdua a nordeste...

Nilton Manoel Teixeira

Dia do Turismo. °  
Bahia. Vôo tranqüilo.  
Malas só amanhã!

Olga Amorim

Dos galhos pendentes, °  
tamarindo madurinhos  
enfeitam o campo.

Olga dos Santos Bussade

O orvalho da manhã °  
a saciar a sede  
do lírio do campo!...

Olíria Alvarenga

A ressurreição °  
no fim da Semana Santa.  
Domingo de Páscoa.

Renata Paccola

Um ovo se rompe. °  
A vida sempre renasce.  
Domingo de Páscoa.

Sérgio Francisco Pichorim

Dia dos Anímaís. °  
Ante a extinção iminente,  
que vivam em paz.

Sérgio Serra

Vojeia a graúna. °  
Sua plumagem me lembra  
a índia Iracema.

Walma da Costa Barros

|   |  |  |  |  |  |  |
|---|--|--|--|--|--|--|
| Confetes boiando no aguaceiro repentino. Fim do carnaval. | Pescador atento vê cardume de sardinhas. Volta triunfante.     | Crianças ansiosas esperam pinhões assados. Braseiro sem pressa.    | Crisântemos brancos. Lufada de vento frio flores maltratadas.  | O louro se assusta. Bate as asas, vai ao chão: é o cão do vizinho. | Depois do preparo a geléia de goiaba aos filhos ausentes.      | Plena floração. A paineira se destaca nos verdes da vargem.        |
| Arrozal de outono. Lavoura iluminada pela lua cheia.      | Em dia de outono, chuva fina, vento frio, quaresmeira em flor. | Colheita de algodão. Brancura desaparece. Campo desolado.          | As chuvas dão trégua. Via Láctea convidando observar estrelas. | Tempo de pinhão. Gralha azul no pinheiral semeando o solo.         | Noitinha de outono. A caminho do mirante: oh, a lua cheia!     | A nuvem de outono sombreando as poças d'água. Corre um vento frio. |
| Sons do realejo. Periquito, papelucho. Moça lê, sorri.    | Luar prateado convida andar pela praia. Sandálias na mão.      | Janelas abertas. Entra um visitante alado: é um pardal de inverno. | Perto da lareira todos aguardam pinhões jogando conversa.      | Cerca de divisa capim gordura – a plumagem ao sabor do vento.      | Pousa sobre a mesa. Pardal de inverno procura migalhas de pão. | Garoa imprevisita na hora da condução. Óculos molhados.            |
| Madrugada fria. Rodada de vinho quente aquece a vigília.  | Leilão de quermesse: a leitosa purruca, rainha da noite.       | Papel cor-de-rosa na mão: correio elegante. Coração palpita!       | No prato, alcaçofra esfria sem ser provada. Menina emburrada.  | Mar de primavera barco nas ondas ao longe guarda-sóis na areia.    | À luz da manhã, revestindo-se de ouro o ipê da calçada.        | Clarim na alvorada. Desfile, banda de música. Sete de Setembro.    |

Olga Amorim, de Vóo de Libélulas, 2003; contato com a autora: Rua Cincinato Braga 535, Apto.63, CEP 01333-011 – São Paulo, SP

|  |   |   |   |  |  |
|--|---|---|---|--|--|
| Coração de mãe é um cofre de mistério transcendente... – Sente quando um filho sofre, – sofre quando um filho sente! | Tão forte nos abraços, confundidos no entrelaço, que eu acho até que trocamos os corações nesse abraço! | Ave feita prisioneira, meu pássaro coração tem lutado a vida inteira contra as grades da razão!                         | A viola atravessada, presa à viga da palhoça, parece uma cruz lavrada na alma cantante da roça!                     | Uns, duros feito rochedos; outros, plumas que esvoaçam... Os corações têm segredos que nem os sábios devassam. | Minha alma tem sons rangentes qual castelos assombrados, por onde arrastam correntes, sem paz meus sonhos penados... |
| Alfredo de Castro  | Almerinda Liorage   | Arlindo Tadeu Hagen   | Edna Valente Ferracini  | Héron Patricio   | João Paulo Ouverney  |
| Nas lembranças aflitivas, quando as agonias vagam, pairam na alma brasas-vivas que, às vezes, nunca se apagam!       | Em minha velhice calma, como um poente bonito, quero que a luz de minha alma se dilua no infinito.      | Se alegres, vão repicando; se tristes, plangem com calma... E eu fico, às vezes, pensando que os sinos também têm alma! | Não julgue pelos farrapos ao que com trapos se cobre, que por trás de velhos trapos se esconde muita alma nobre!... | Sentindo um torpor agudo, qual flor caída – sem haste – notei que deixaste tudo, porém... minha alma levaste!  | Escravo de uma paixão, fugi, pesado de dor. E achei, no teu coração, o quilombo redentor...                          |
| Luiz Felipe G. Nepomuceno  | Maria Reginato Labruciano   | Marina Bruna  | Neide Rocha Portugal  | Regina Célia de Andrade  | Waldir Neves   |

XXVII Jogos Florais de Pouso Alegre da UBT Pouso Alegre, www.ubtpa.hpg.com.br, em Trovaregre 0502, Caixa Postal 181, CEP 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Dizem que um homem entrou no consultório de Rui Barbosa e foi logo dizendo: – Um cão rasgou-me as calças, que devo fazer? – Ser indenizado pelo dono. – O senhor deve-me \$ 50.000, pois o cão é seu! Indenizado, sorrindo, vai saindo. – Um momento, fala o ilustre baiano, o senhor esqueceu-se da consulta. São cem mil réis...

Um moleiro foi um dia à cidade com o filho para venderem um burro na feira. Passou por eles um homem a cavalo, pôs-se a rir e disse: – Sois pouco espertos, deixando ir o animal assim folgado, em vez de o aproveitardes para o caminho. Imediatamente o pai fez que o filho montasse no burro. Logo adiante cruzaram-se os dois com uma carroça e o carroceiro gritou ao rapaz: – Não tens vergonha? Tu, que és novo e forte, muito bem escarrachado; e o teu pai, já velho, a pé... Mal isto ouviu, apou-se o filho e pediu ao pai que montasse. Assim foram os dois seguindo pela estrada poeirenta, quando lhes surge pela frente uma salaioa com o seu cesto de fruta à cabeça. E diz esta ao velho: – Oh pai desnaturado! Assim gozas a vida, enquanto o pobre pequeno se esfalfa no meio da poeira! Então o pai, deixando-se ficar montado, mandou o rapaz saltar para a garupa do asno. Eis senão quando passa um pastor e, vendo os dois, exclama: – Desgraçado burrinho! Não duras muito, com tal carga em cima. Que falta de caridade tendes com os animais! Apearam-se então pai e filho e perguntou este: – Que havemos de fazer para contentar a todos? Estou a ver que temos de pegar no burro às costas e leva-lo assim à feira.

No que o velho respondeu: – É para que saibas, filho, que não há maneira, por mais que se faça, de satisfazer toda a gente e tapar as bocas do mundo. O Moleiro e o seu Filho Luis XIV perguntou a um dos senhores da sua corte: – Sabe espanhol? – Não, meu senhor, respondeu o conde, mas vou aprendê-lo. E aplicou-se muito para aprender bem aquela língua, porque pensava que o rei queria nomeá-lo embaixador à corte de Espanha. Algum tempo depois apareceu o conde diante do rei e disse-lhe: – Meu senhor, agora já sei espanhol. – Muito bem, respondeu o monarca francês, e eu felicito-o por isso, pois se já sabe espanhol, pode ler o *D. Quixote* no texto original.

Os dois jovens começaram a contar ao terceiro a história da noz. – Nós vínhamos para casa, disse o mais velho, e eu achei uma noz. – Não, gritou o mais novo, não foste tu quem achou a noz, mas sim eu. – Não é verdade, disse o outro rapaz.

Então disse o terceiro: – Eu julgarei e direi quem tem razão. Onde está a noz? Dai-me aqui. Eu mesmo a repartirei e cada um de vós terá a sua parte. O rapaz mais novo entregou-a e o juiz quebrou-a. Os outros dois esperavam. Mas, com espanto de ambos, o terceiro rapaz não lhes deu senão alguns pedaços da casca. – O miolo é para mim, disse ele, pois vós tendes de pagar o meu serviço.

Depois de ter comido por dois, Eulenspiegel disse à estalajadeira: – Agora, dê-me o meu dinheiro! A princípio a boa mulher não percebeu o que ele queria dizer. – Dar-lhe o seu dinheiro? exclamou ela. De modo nenhum. Você é que me pediu de comer, e tem de dar-me 54 cruzeiros. – Não, respondeu o vagabundo. A senhora disse: “Nesta mesa comese por 54 cruzeiros.” Eu comi aqui. Portanto, faça o favor de mos dar. A estalajadeira não pôde deixar de se rir. – Você percebeu muito bem o que eu queria dizer. Desta vez dar-lhe-ei a sua comida pelo amor de Deus. Mas vá-se embora e não volte aqui.

José Prévot, de Gramática Elementar da Língua Alemã, EPU – Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 10ª Edição, 1974; Rua Joaquim Floriano 72, CEP 04534-000 – São Paulo, SP, fone 3168-6077 – e-mail: vendas@epu.com.br

|   |  |   |  |   |  |
|---|--|---|--|---|--|
| Conhecem-se muito cedo quando chamados à prova: o gigante pelo dedo e o trovador pela trova.        | Na vida de um trovador há sentimentos variados e é da alegria e da dor, que faz versos rimados.        | Sofre o poeta, suponho, pela razão de um defeito: a profusão de seu sonho é bem maior que o seu peito!!   | Trovador é o arquiteto que no seu pequeno espaço faz das estrelas seu teto e do céu o seu terraço!         | “Velho poeta”. Hoje em dia sei que esse nome eu mereço... Mas nos braços da poesia nem percebo que envelheço! | Noite clara, lua cheia. Um trovador... um violão... O coração se incendia, ante a chama da paixão. |
| Antonio Valentin Rufatto  | Eulinda Barreto Fernandes  | Heloisa Zanonato  | João Batista Xavier Oliveira   | José Tavares de Lima  | Lucy Rangel Fraga  |
| Velho poeta, o desgosto nunca roubou-lhe a ilusão... Carrega a noite no rosto e auroras no coração! | Poeta... artista escondido de um espetáculo eterno, cujo palco é construído nas páginas de um caderno! | Os poetas e os vulcões têm almas de mesma essência: a calma em seus corações, é calma... só na aparência. | Morreu o poeta!... Na rua, tristonho, alguém fecha o bar e, na noite escura, a lua se esconde para chorar! | O mar, poeta diverso, ao cumprir eterno fado, chega à praia e escreve um verso bem fúroz, branco e salgado.   | O poeta não se cansa, pois, tem sonhos e um tear. Tece trovas de esperança com fiapos de luar...   |
| Pedro Ornellas  | Renata Paccola   | Sergio Ferreira da Silva  | Therezinha Dieguez Brisolla  | Ubiratan Queiroz de Oliveira  | Walma da Costa Barros  |

1º Concurso Nacional de Trovas Helvécio Barros (30.04.1909-20.09.1995), 2003 – UBT Bauru, SP

## A S A S S E R T I V A S S O C I A I S N A T E R C E I R A I D A D E

Dona Maricota, uma anciã de 86 anos, costumava espiar pela janela e ao avistar pessoas paradas no ponto de ônibus instalado na calçada, em frente à sua residência, aproveitava para abrir a porta da sua casa para a área e dirigir-se até o portão do jardim; sendo que a estas, olhava atentamente cumprimentando e aguardando ser cumprimentada indagando inclusive dos seus destinos, para onde iam e o que iriam fazer. Dando continuidade a sua prosa, aflorava um peculiar repertório para os que ali se quedavam à espera do ônibus – “Conhece o Colégio Amadeu Amaral?” – “Conhece a Fani?” “Ela é filha do meu falecido marido” – “Conheceu o coronel Gilson?” “Ele foi o marido da Fani, faleceu agora”. Na demora do ônibus aparecer, ela recomeçava: “Conhece o Colégio Amadeu Amaral?” – “Conhece a Fani?” “Ela é filha do meu falecido marido” – “Conheceu o coronel Gilson?” “Ele foi o marido da Fani, faleceu agora”. Dona Maricota dava uma pausa de segundos, mas logo se avivava retornando às mesmas inquirições: – “Conhece o Colégio Amadeu

Amaral?” – “Conhece a Fani?”... Os seus vizinhos já acostumados a este seu comportamento aquietavam calmamente, enquanto os mais novatos que iam àquele ponto de ônibus consideravam este fato e as suas constantes interpelações como algo totalmente hilariante. Outros ainda, ficavam totalmente penalizados com o procedimento desconcertante e interminável da dona Maricota, sentindo compaixão pela sua decrepitude. Épocas atrás, a terceira idade era identificada como sinônimo de doença, compartilhada com demência, esclerose, aliada a outros distúrbios congêneres. Neste aspecto, o descaso apresentado pela maior parte da sociedade, configurava um tratamento insolente e depreciativo ao idoso. Como o motorista de ônibus que não parava, talvez por desvalorizar o velho acreditando que este não tivesse compromissos e horários de chegada em algum local, -o no meio do caminho, ou pior, o desconhecimento de que o idoso é mais lento para subir ou descer dos degraus do veículo, arrancando a marcha na maior pressa, digo ignorância, ocasionando o sério agravante do idoso cair, sofrer um acidente e machucar-se.

E hoje, como ficam as assertivas sociais do idoso, em que já se contam 20 milhões de pessoas acima dos 65 anos de idade, no Brasil? O estatuto do idoso já foi sancionado pelo presidente da nossa nação brasileira, para que haja maior respeito e consideração para com a existência do mesmo. Degeneração, caduquez, “está na hora de fechar a tampa do caixão”, ou de segurar o terço, “quem gosta de velho é cadeira de balanço”, – termos como estes e concepções que menosprezam a condição da senilidade, deverão cair por terra, como um grave prenúncio de discriminação; se a sociedade se prepara para dignifica-lo, dando-lhe o bem estar devido, o indivíduo antes de chegar à terceira idade, deverá preocupar-se em gerenciar a sua vida em todos os setores, prevenindo também, os males da terceira idade. Seria nesta plena conscientização que residem as felizes assertivas sociais da terceira idade, e não, numa vida excluída e parada, que não lhe forneceria a boa disposição e a lucidez necessárias ao seu equilíbrio. O idoso não deve se tornar um geropata (idoso doente) e sim, visto na sua plenitude e maturidade.

Adiláe Maria, em Jornal Revista da Poesia da Abrapes – Associação Brasileira de Poetas e Escritores: Caixa Postal 9739, CEP 80611-970 – Bairro do Portão, Curitiba, PR; Fone: (0\*41) 274-3680